

## RESENHA

*Jesner Esequiel dos Santos\**

COREY, David D.; CHARLES, J. Daryl. **The Just War Tradition: An Introduction**. ISI Books, 2012. 280p.

A tradição filosófica e teológica da Guerra Justa tem sido pouco discutida nos seminários ou nos espaços acadêmicos. Com isso, seu alcance é ainda menor nas igrejas. Esse fenômeno foi observado por Corey e Charles, que apresentam um resgate histórico dessa tradição, apontando como o pensamento sobre a guerra se desenvolveu no pensamento cristão e como a pós-modernidade fez com que os ensinamentos de Agostinho, Lutero e Calvino fossem deixados de lado, pelo menos nesse assunto.

Os autores não são conhecidos no campo teológico, o que prejudica a difusão do livro no mercado editorial cristão brasileiro. David D. Corey é professor de Ciência Política na Universidade Baylor, enquanto J. Daryl Charles é um acadêmico associado ao Instituto Acton. Portanto, o foco do livro não está em defender uma única linha teológica acerca do assunto, mas apresentar um panorama de maneira linear e temporal, buscando brevidade em cada um dos onze capítulos, fazendo com que uma obra desse porte seja condensada em apenas 280 páginas.

No primeiro capítulo os autores levantam alguns dos questionamentos mais pertinentes nos Estados Unidos sobre a validade das guerras e o uso da força letal por cristãos, mostrando que não há consenso, muito menos um respaldo teológico nas respostas, que muitas vezes são emocionais ou desviam o foco com textos bíblicos retirados de seu contexto. Quando líderes evangélicos tendem a justificar uma guerra, geralmente apontam um único item de uma

---

\* Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (2020) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2015); autor do livro *O Caminho Religioso na Primavera Árabe Síria* (BTBooks, 2015).

“lista hipotética”. Por isso, os autores pretendem trabalhar com conceitos inteiros, não com apontamentos morais/éticos soltos na história.

No segundo capítulo os autores demonstram, por meio de documentos históricos, que os primeiros cristãos eram contrários à guerra ou a qualquer envolvimento relacionado ao Império Romano, pedindo que os soldados ou políticos convertidos abandonassem suas profissões. Tal ideia é mantida até os escritos dos teólogos da época de Constantino e posteriores. Há uma linha de pensamento que atravessa todos os autores dessa época e influencia autores modernos, de forma direta ou indireta, sendo que os argumentos mais utilizados contra a guerra e o uso de força por cristãos são: 1) uma parte do sermão do monte; 2) o argumento de que os primeiros pensadores cristãos eram contra a guerra e o serviço ao estado; 3) o silêncio dos autores da patrística; 4) dois dos pais da igreja eram explicitamente contrários à guerra: Tertuliano (160-220) e Orígenes (185-254), e 5) o declínio da moral no quarto século que supostamente levou a igreja a uma secularização.

Nos próximos capítulos do livro (3 a 6), é traçado um caminho histórico e linear salientando os principais nomes na teologia e na filosofia que influenciaram a tradição da guerra justa. Os principais nomes mencionados, junto com a explicação de suas teorias, são: Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero, João Calvino, John Locke e Immanuel Kant. No entanto, Agostinho recebe maior destaque, por ser considerado o teólogo que influenciou significativamente os demais. Um fato ainda mais interessante sobre a obra de Agostinho reside na maneira pela qual ele abordou o assunto. Não escreveu nenhuma obra específica sobre a guerra justa, mas expôs seus pensamentos em diversos recursos de comunicação, seja por livros com outras temáticas, cartas ou até mesmo em seus sermões.

A maneira que Agostinho encontrou para resolver a suposta contradição entre uma política envolvida em atos pecaminosos e o serviço do cristão ao estado é o que ficou denominado, posteriormente, como a tradição da guerra justa. Sua solução é baseada no uso da hermenêutica junto com pontos chave da filosofia. Havia dois conceitos maiores que envolviam os demais, o *jus ad bellum* e o *jus in bello*, sendo que o primeiro está relacionado à “justiça da guerra”, que procura especificar os princípios pelos quais um país pode entrar em guerra com outro. O segundo conceito, “justiça na guerra”, especifica os limites morais aceitáveis no fronte de batalha, delimitando o uso dos meios para se alcançar a vitória.

Segundo Corey, a ideia da guerra justa na Idade Média foi conduzida para longe de uma noção de autoridade absoluta e obediência política, caminhando para uma noção de autoridade competitiva e resistência política. Portanto, o papel dos reformadores foi ainda mais relevante e complexo, pois eles tiveram o importante papel de analisar um conceito que já sofria sérios conflitos teológicos, éticos, morais e sociais. Tanto os ensinamentos de Agostinho, como os de Tomás de Aquino, influenciaram a maneira com que os cristãos enxergavam o estado e ditaram quais ações deveriam ou não ser realizadas. Ou seja, a teoria moldou a prática, que por sua vez moldou a sociedade.

Calvino acreditava veementemente que toda a autoridade dada aos governantes era imposta pelo próprio Deus, assim como outros teólogos também o defendem utilizando a passagem de Romanos 13.1. Porém o que o difere dos demais, segundo Corey, é o fato de seus argumentos estarem completamente envolvidos com a exegese dos textos bíblicos e as tradições das teorias políticas. Sendo assim, há em seus escritos um alto número de citações textuais relacionadas à Bíblia.

Nos capítulos seguintes (7 a 9), são apresentados desdobramentos filosóficos formulados em cima dos escritos de Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero e Calvino. Nos dois últimos capítulos (10 e 11) há uma síntese do pensamento contemporâneo acerca da guerra justa e a demonstração da influencia que dois teólogos tiveram para que a tradição da guerra justa fosse esquecida ou deturpada. São eles Reinhold Niebuhr (1892-1971) e John Howard Yoder (1927-1997).

A teoria de Niebuhr ficou conhecida como realismo cristão, que valoriza o ideal de que o cristianismo tem como regra de prática o auto-sacrifício como fonte que culmina na justiça e na paz, sendo o amor a lei da vida. Porém, ele não é a favor do pacifismo, como tais argumentos parecem indicar. Niebuhr faz um contraponto entre o ideal e o real no mundo, pois mesmo que os cristãos espalhassem o amor de Cristo pelo mundo, não seria suficiente para conter o avanço do mal, como no caso de Hitler. Isso porque o pecado é o problema fundamental e permanente na política, gerando ganância e luxúria, entre outros vícios. Portanto, somente o amor não irá adiantar, mas o equilíbrio do poder com o próprio poder. Por isso ele apoia o governo democrático em oposição ao anárquico e tirânico, dizendo que o cristão deve lutar contra qualquer movimento contrário à democracia.

O argumento de Niebuhr se assemelha aos recentes escritos de John J. Collins publicados na revista *Reflections*, da Universidade de Yale. A conclusão que ambos os autores apresentam é a mesma, na forma prática, mas os caminhos que os levaram a tais afirmações passam por diferentes rotas. Collins busca invalidar os argumentos teológicos apontando para uma possível incoerência. Segundo ele, os ataques dirigidos por Moisés e Josué no Antigo Testamento são exemplos categóricos de que o povo de Deus agia de maneira injusta, principalmente contra os cananeus. Sendo assim, os teólogos cristãos não poderiam opinar com relação a guerras justas ou qualquer âmbito humanitário.

Por mais que esse livro tenha sido lançado em 2012, o que poderia desqualificar sua contemporaneidade sobre o assunto, ele possui uma relevância significativa em nossos dias. Temos vivenciado o aumento dos confrontos no Oriente Médio com a Primavera Árabe, o surgimento de novos grupos terroristas como o Estado Islâmico e a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão, devolvendo o poder político e bélico ao Talibã. Portanto, é cada vez mais necessário que o cristão saiba como responder a tais eventos de maneira bíblica. Além disso, podemos influenciar um resgate dessa tradição em nossos seminários, campos teológicos e igrejas.